

# CARTOGRAFAR PEQUENAS CIDADES NO NORDESTE BRASILEIRO

## caminhos percorridos

**Eduardo Gomes Machado<sup>1</sup>**  
**Jorge Luiz Oliveira Lima<sup>2</sup>**  
**Nathalia Alves De Oliveira<sup>3</sup>**  
**Regina Balbino Da Silva<sup>4</sup>**

### Resumo

A partir de duas pequenas cidades do nordeste brasileiro, pesquisamos o cotidiano urbano experienciado pelas juventudes que estudam na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), uma universidade federal pública com três *campi* e quatro mil estudantes no Ceará. Considerando-se o contexto de migração temporária estudantil, ocorrem intensas mudanças na produção do espaço urbano, com as juventudes tornando-se agentes urbanos politicamente ativos. Emergem conflitos urbanos associados às disputas pela ocupação, uso, acesso, regulação, posse e propriedade de diferentes parcelas da terra urbana. Nesse contexto, dialogamos com a cartografia social, entendendo-a como um método de pesquisa-intervenção. O cartografar adquire o caráter de um duplo movimento: cartografar o campo e cartografar a pesquisa, percebendo que, nesse entrelaçar, caminhos vão sendo traçados, e é no próprio percurso que se redefinem a pesquisa e o campo. Partilhamos o que nomeamos como caminhos percorridos, apresentando resultados preliminares a partir das ações desenvolvidas.  
Palavras-chave: cidade, urbano, juventude, cartografia.

# MAPPING SMALL CITIES IN NORTHEASTERN BRAZIL

## paths traveled

### Abstract

From two small cities in northeastern Brazil, we surveyed the urban daily life experienced by youths studying at the University of International Integration of Afro-Brazilian Lusophony (UNILAB), a public federal university with three campuses and four thousand students in Ceará. Considering the context of temporary student migration, intense changes occur in the production of urban space, with the presence of youth as politically active urban agents. Urban conflicts arise associated with disputes over the occupation, use, access, regulation and ownership of different parcels of urban land.

<sup>1</sup> Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Coordenador do Grupo Diálogos Urbanos de Extensão e Pesquisas Interdisciplinares. Docente na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). [eduardomachado@unilab.edu.br](mailto:eduardomachado@unilab.edu.br)

<sup>2</sup> Bacharel em Humanidades e Graduando em História pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Bolsista FUNCAP. [luzjorge021@gmail.com](mailto:luzjorge021@gmail.com)

<sup>3</sup> Bacharel em Humanidades e Graduanda em Sociologia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Bolsista FUNCAP. [nathaliaoliveira0911@gmail.com](mailto:nathaliaoliveira0911@gmail.com)

<sup>4</sup> Mestra em Geografia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Vinculada ao Laboratório de Planejamento Urbano e Regional do Departamento de Geografia (LAPUR). [reginabalbino2011@gmail.com](mailto:reginabalbino2011@gmail.com)

In this context, we dialogue with social cartography, understanding it as a research-intervention method. Mapping takes on the character of a double movement: mapping the field and mapping the research, realizing that, in this intertwining, paths are being traced, and it is in the very path that research and the field are redefined. We share what we call pathways, presenting preliminary results from the actions developed.

Keywords: city, urban, youth, cartography.

### Introdução

Redenção e Acarape, duas pequenas cidades praticamente conurbadas situadas a aproximadamente 60 Km da capital do estado do Ceará, Fortaleza, compõem a Região do Maciço de Baturité (RMB), formada por treze municípios e limítrofe à Região da Grande Fortaleza (IPECE, 2015). A região detém longa historicidade vinculada aos povos indígenas e, a partir da segunda metade do século XVII, com a intensificação da ocupação colonial, é também marcada pela presença de portugueses e de africanos escravizados (BASTOS, 2015; NASCIMENTO, SOUZA, CRUZ, 2010; SANTOS, MEDEIROS, SOUZA, 2012).

No final de 2010, inicia-se a implantação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) com três *campi* no estado do Ceará, nas cidades de Redenção e Acarape (UNILAB, 2019).<sup>5</sup> A Unilab, uma Universidade federal pública interiorizada e internacionalizada, detém como objetivo “ministrar ensino superior, desenvolver pesquisas nas diversas áreas de conhecimento e promover a extensão universitária”, detendo como “missão institucional específica formar recursos humanos para contribuir com a integração entre o Brasil e os demais países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa”, particularmente “os países africanos”, assim “como promover o desenvolvimento regional, o intercâmbio cultural, científico e educacional” (BRASIL, 2019).

A Instituição detém atualmente 3894 discentes em cursos de graduação presencial, 458 em graduação à distância, 145 em pós-graduação presencial e 795 em pós-graduação à distância no estado do Ceará (BRASIL, 2019b). A instituição conta com um total de 5292 discentes com 904 sendo originários de outros países, particularmente os cinco países africanos da CPLP – Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe (BRASIL, 2019b). Quanto aos brasileiros, a maioria não é originária de Redenção e de Acarape. Como é possível perceber, em menos de dez anos, milhares de discentes passaram a residir nas duas cidades, com grande parcela ocupando periferias intraurbanas, vivenciando violências, violações de direitos e vulnerabilidades de várias ordens. A implantação da Unilab, portanto, induz dinâmicas migratórias de larga escala, permitindo intuir como pequenas cidades (ENDLICH, 2011; DETONI; ROCHA, 2017), que já detêm vulnerabilidade social e precariedade urbana significativas, experienciam mudanças intensas e complexas. Sob o signo do multiculturalismo/interculturalidade críticos e reconhecendo “a colonialidade, o racismo e o machismo como elementos estruturantes das sociedades latino-americanas” (MALOMALO, 2018, p. 76), também cabe considerar a Unilab como instituição e comunidade capaz de – mesmo potencialmente – instituir e promover “espaços [e processos] educativos e democráticos”, reconhecer e promover “os direitos dos grupos oprimidos” (MALOMALO, 2018, p. 76). Nesse contexto, cabe avaliar a presença das juventudes estudantis nas cidades.

Considerando essas questões, experienciamos e analisamos o cotidiano das

<sup>5</sup> Há também um campus na Bahia, em São Francisco do Conde, com mais de mil alunos de graduação presencial (UNILAB, 2019).

juventudes nas urbes, mergulhando nas diferentes formas de fazer a cidade (AGIER, 2015), nos desafios que vivenciam ao demandar – mesmo de modo intuitivo, espontâneo e não formalizado – diferentes aspectos do direito à cidade (LEFEBVRE, 1991), e nos conflitos urbanos que emergem e se agravam.

Neste artigo, dialogamos com a cartografia social, entendendo-a como um método de pesquisa-intervenção (PASSOS; BARROS, 2009). O cartografar adquire, aqui, o caráter de um duplo movimento, entrelaçado: cartografar o campo e cartografar a pesquisa, percebendo que, nesse entrelaçar, caminhos vão sendo traçados, e é no próprio percurso que se redefinem a pesquisa e o campo. Desse modo, a cartografia compõe um método singular para adentrar e participar do campo, vivenciando experiências e gerando percepções e análises significativas, indiciando linhas de força e de fuga. Ao mesmo tempo, cartografar envolve uma autorreflexão inquieta, continuada e densa sobre a pesquisa em seu pensar, em seu fazer, em suas teorias e práticas, desdobramentos e implicações, fragilidades, erros e construções. Nesse duplo movimento, vamos redescobrimo o próprio campo, que vai se refazendo, se alargando, tornando-se mais denso e complexo, e, ao mesmo tempo, a cada momento vamos retomando a pesquisa em seu fazer, em suas hesitações e incertezas, tateando indecisa, reiteradamente escolhendo rotas e, no percurso, descobrindo teorias e conceitos e experienciando intuições e *insights*.

Partilhamos, aqui, o que nomeamos como quatro caminhos percorridos, envolvendo teorias, metodologias e técnicas, apresentando resultados preliminares gerados a partir das ações desenvolvidas. Além desta Introdução, o artigo se estrutura nos seguintes tópicos: Etnografias, caminhadas e *sketches* urbanos; Cotidiano, indícios e conflitos; Alargamento do urbano; Entre hegemonias e subalternidades; e Considerações Finais.

### Primeiro caminho: etnografias, caminhadas e *sketches* urbanos

Desde o início, a pesquisa buscou participar de, e até estimular, processos de mobilização social que pudessem ativar, induzir e subsidiar ações e demandas dos estudantes que residem nas cidades de Redenção e Acarape, nos marcos do direito à cidade (LEFEBVRE, 1991) e do fazer a cidade (AGIER, 2015), entrelaçando, para tanto, ações de pesquisa, educação e extensão, configurando a produção participativa de dados qualitativos e quantitativos e sua disponibilização através de uma plataforma *online* publicamente acessível, nos termos de *softwares* livres, como o QGIS.<sup>6</sup>

O fio condutor essencial envolveria a percepção e a análise de como as juventudes estudantis da UNILAB, em sua diversidade, inserem-se nas cidades, participando de dinâmicas de ocupação, uso, acesso, construção, regulação e posse/propriedade de diferentes parcelas da terra urbana; buscando caracterizar, em cada território intraurbano, as problemáticas urbanas vivenciadas, identificando as necessidades urbanas e subsidiando a constituição de demandas, pautas e agendas políticas, ética e tecnicamente fundamentadas.

As primeiras aproximações envolveram a identificação, a coleta e a sistematização de dados secundários de fontes oficiais variadas, buscando caracterizar as cidades sob diversos aspectos, inscrevendo-as na Região do Maciço de Baturité, onde se situam.

<sup>6</sup> O QGIS é um software livre com código-fonte aberto, multiplataforma de sistema de informação geográfica que permite a visualização, edição e análise de dados georreferenciados.

Aos poucos, deslocamos nossa perspectiva de uma aproximação formal e mediada por dados secundários, para uma aproximação que revela inserção etnográfica e mergulhos nos universos experienciais das cidades. Mais do que isso, desvela-se o que vamos nomeando como densidade e complexidade urbana nas duas pequenas cidades, requerendo outras categorias analíticas que permitissem evidenciar, e, em certa medida, incorporar, interagir, intervir e narrar essa densidade e complexidade. Em determinado momento, o fomento à pesquisa, ao permitir a concessão de bolsas de iniciação científica, dinamizou a constituição da equipe, reposicionando as ações em outro patamar e momento<sup>7</sup>. Porém, foi o próprio campo que tensionou a equipe e requereu um redirecionamento das ações e a mobilização de outros referenciais teórico-empíricos. Isso ocorreu a partir do momento em que emergiu, na cidade de Redenção, o agravamento de conflitos propriamente urbanos relacionados à ocupação, acesso e uso da Praça do Obelisco por juventudes, realizando diferentes atividades, envolvendo dinâmicas artísticas (vide Figura 2). Configuram, assim, um espaço apropriado, mesmo de modo efêmero, para dinâmicas de convivência, lazer, esporte, arte e cultura juvenil<sup>8</sup>.

As juventudes, e particularmente as estudantis, já vinham ocupando a praça desde pelo menos 2015, inclusive através da realização de variadas atividades acadêmicas, diurnas e noturnas (DIÁRIOS DE CAMPO, 2017-2019).<sup>9</sup> Contudo, a partir do segundo semestre de 2018, as tensões e os conflitos envolvendo essas ocupações juvenis se intensificam, envolvendo a presença reiterada e ostensiva de contingentes policiais (DIÁRIOS DE CAMPO, 2017-2019), e vários episódios conflituosos, inclusive com a denúncia de que um morador teria disparado tiros ao ar. Parece, então, estar em curso um reposicionamento de parcela da população que já residia na cidade, evoluindo esse quadro até ocorrer a *proibição*, pela prefeitura, da realização de atividades de estudantes da UNILAB na praça.

Essa processualidade requereu outras abordagens e referências teóricas, oportunizando aprendizagens importantes.

Um primeiro deslocamento envolveu a incorporação de uma abordagem etnográfica, demandando a inserção da equipe em campo, com participação direta, continuada e implicada nas situações cotidianas, particularmente nos embates – reiterados e revelando uma dinâmica sequenciada e cumulativa – entre parcelas das juventudes e das populações que já residiam na cidade anteriormente; focando e experienciando os conflitos mais propriamente urbanos – relacionados à ocupação, uso, acesso, regulação e posse/propriedade de pedaços de terra urbana nas cidades.

Aos poucos, revela-se a emergência dessas juventudes enquanto agentes urbanos politicamente significativos. Cabe lembrar, com Agier (2015, p. 491), como o ato de ocupação de um espaço detém, ao mesmo tempo, caráter urbano e político, considerando que esse “movimento é uma tomada do espaço tanto quanto uma tomada da palavra, é o momento político porque é aquele que cria uma situação radicalmente nova”. Mesmo se detém caráter efêmero, instável, provisório, fugaz – por exemplo, ao ocupar e usar uma praça ou uma esquina da cidade –, esse ato pode revelar ou fazer emergir conflitos e disputas que, de outro modo, permaneceriam

<sup>7</sup> Também cabe considerar que mudanças no contexto nacional e institucional – estamos aqui entre 2017 e 2019 – redirecionaram aspectos importantes da pesquisa.

<sup>8</sup> A Praça do Obelisco, uma das duas principais da cidade de Redenção, junto com a Praça da Igreja Matriz, situa-se em um território central da cidade, detendo no entorno um conjunto amplo de equipamentos privados e públicos, agregando a maior parcela das residências das elites locais.

<sup>9</sup> Diários de Campo do Projeto de Pesquisa em desenvolvimento, cujos registros compreendem o período de 2017 a 2019.



Praça do Obelisco. Redenção/CE. 28 de setembro de 2019.



invisíveis e latentes. O ato de ocupar, portanto, revela-se também gerador de conhecimento para os agentes envolvidos, inclusive os pesquisadores, capaz de indiciar tensões e linhas de força até então imperceptíveis, e que evidenciam, para além de uma cidade pacificada e plenamente equilibrada em suas contradições e desigualdades, uma cidade intensa e conflituosa.

Vão se constituindo, aos poucos, percepções mais densas sobre o campo, ou seja, as cidades, de sua complexidade, densidade, espessura e, mais do que isso, de como o próprio campo é instável, poroso, pois reconstitui-se continuamente e detém diferentes escalas a lhe compor; inclusive ao irmos percebendo que a inserção

etnográfica, particularmente a mediada pela cartografia social, envolve mais “do que um aprendizado de regras”, uma “ambientação aos espaços do campo, onde realmente podemos treinar nossa paciência e atenção aos acontecimentos” (ALVAREZ; PASSOS, 2009, p. 147).

Nessa perspectiva, emerge, a cada passo, a noção de implicação, em dois sentidos: da equipe de pesquisa, que se compromete não só ética, política, sociológica e estética, mas também academicamente, com diferentes agentes subalternizados, minoritários, e de como esses também estão implicados com os agentes acadêmicos; e da percepção de que os agentes urbanos estão co-implicados nas cidades, mesmo distantes, material e/ou simbolicamente, mesmo apartados, ou, mais propriamente, vinculados através de hegemonias e subalternizações que se reconstituem (FONSECA, 1999; PASSOS; BARROS, 2009).

Trata-se de uma modificação do próprio campo, da própria compreensão do campo, dos próprios limites de intervenção, considerando-se uma maior sobriedade, talvez prudência, nas presenças, nas interações e nas potenciais implicações. Isso se revela, por exemplo, na percepção de que análises dualistas não conseguem evidenciar a complexidade dessa realidade socioespacial, não conseguem, por exemplo, perceber as implicações e, mais do que isso, as misturas, os hibridismos, as mesclagens que compõem o urbano e seus agentes. Então, nesse sentido, a essa prudência se alia também uma imaginação e ousadia nas metodologias mobilizadas e nos esforços interpretativos, mantendo e considerando o comprometimento e o cuidado com os agentes envolvidos.

Aqui emerge a necessidade não somente de novas referências, mas também de novas formas de estar em campo e de apreender o que ocorre no campo. Duas indicações podem ser pontuadas neste momento: o caminhar nas cidades como elemento que atravessa toda a pesquisa e a experiência de produção dos *sketches* urbanos.

#### O caminhar nas cidades

Aos poucos, a pesquisa vai refazendo seu caráter, de um processo marcado por dados secundários, coletados virtualmente, evidenciando uma cidade à distância, para um mergulho etnográfico que efetiva a proximidade reiterada e cotidiana. Pouco a pouco, fronteiras vão sendo cruzadas, no campo e na pesquisa, revelando uma dinâmica que oscila entre o planejamento e a condução organizada capaz de acolher a descoberta pontuada pela incerteza e pelo acaso, com os agentes inscritos no próprio vai e vem que compõem os espaços urbanos.

O caminhar urbano se torna essencial a esse deslocamento, pois é ele que referencia e, ao mesmo tempo, ancora recursivamente a possibilidade de um mergulho etnográfico significativo nas cidades. É o caminhar que efetiva uma pesquisa da proximidade, permitindo aos pesquisadores tangenciar e fazer parte do cotidiano urbano, particularmente ao considerarmos que o caminhar agrega a passagem, o movimento, a fronteira, o vínculo, o estar.

Desse modo, o caminhar, entendido enquanto andar pedestre pela cidade, se desvela enquanto modo de experienciar a cidade, tangenciando ou mergulhando em rotas, espacialidades, temporalidades, situações e interações diversas; inclusive ao considerarmos que o andar pedestre é o principal meio de deslocamento dos estudantes nas duas cidades.

O caminhar permite experienciar uma política da proximidade na pesquisa, abrindo

espaço para mergulhos etnográficos nas cidades, permitindo efetivar cartografias que evidenciem elementos significativos que as compõem. Ao pesquisador, cabe uma atenção ao que se apresenta em campo, o que requer uma abertura ao que se vai produzindo no percurso, identificando pistas ou indícios (GINZBURG, 1989) que lhe permitam redefinir formas – materiais e imateriais – consolidadas, linhas de fuga, tensões e devires emergentes (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009). Engajar-se no caminhar pedestre na cidade, inclusive quando associado a variados instrumentos da pesquisa, como o diário de campo ou os *sketches* urbanos, permite apreender e registrar indícios, inclusive quanto aos elementos que buscam expressividade.

O caminhar envolve formas diversas em nossas pesquisas. Pode ocorrer enquanto flunar aberto a mergulhos nas cidades, incerto, sem roteiros previamente definidos, aberto ao que se apresenta no caminho. Pode ocorrer enquanto observação participante em uma festa na rua ou na praça, marcado por ambiguidades, entre a diversão e a pesquisa, de todo modo com o diário de campo revelando-se instrumento de registro importante. Pode ocorrer como observação direta de variados territórios intraurbanos das cidades, com a mediação de um questionário, em equipe, com foco previamente definido quanto ao que se vai observar. Pode ocorrer como a própria vivência que confunde pesquisador e morador das cidades, envolvendo as situações e os afazeres mais simples e ordinários da vida cotidiana.

De todo modo, nesses diferentes caminhares, imiscui-se a marca da atenção continuada e minimamente sequencial ao que se presencia, ao que se experiencia. A atenção aos indícios (GINZBURG, 1989) é ancorada por toda uma dinâmica, invisível, mas relevante, vivenciada pela equipe enquanto processos coletivos que nos vinculam a todos, pontuando e demarcando as questões da pesquisa – reuniões, tabulação e análise de dados, reflexões acerca dos conceitos, construção dos instrumentos de pesquisa, apresentação e discussão de indícios percebidos, dentre outros.

Essa múltipla forma do caminhar abre espaço para percepções, inserções, observações e interações diferentes em campo, particularmente ao considerarmos as reações dos agentes urbanos com os quais entramos em contato. Somos percebidos de forma diferente em cada uma dessas caminhadas, assim como percebemos as cidades e seus agentes também de forma diferente (DIÁRIOS DE CAMPO, 2017-2019). Ademais, essas formas diversas de caminhar nos permitem frequentar espaços diversos, por exemplo, centralidades e periferias intraurbanas, e nos posicionarmos de forma diferente nos lugares e nas situações cotidianas. Sendo moradores das cidades, mesmo migrantes temporários, certas caminhadas nos permitem participar das situações ordinárias da vida cotidiana, sentindo seus ritmos, interagindo e dialogando com seus agentes, experienciando os hábitos mais comuns e reiterados, comungando e, em certa medida, fazendo junto, e, mesmo assim, identificando indícios significativos.

### Os *sketches* urbanos

Já mergulhada nas situações cotidianas e caminhando na cidade de diferentes formas, em 2019 a equipe agrega enquanto recurso importante à pesquisa o registro através de um conjunto de *sketches* urbanos<sup>10</sup>. Os *sketches* são desenhos que retratam

<sup>10</sup> Para saber mais sobre os *sketches* urbanos e o movimento dos *skechers*, conferir Valgas (2016) e Kuschnir (2012).

cenar e situações do cotidiano urbano.<sup>11</sup> Neles, o desenhar adquire o caráter de construção processual de conhecimento, envolvendo a proximidade e, pode-se dizer, até mesmo, a cumplicidade com o que se desenha (KUSCHNIR, 2012), revelando uma dimensão experiencial que, ousamos afirmar, inclui dimensões cognitivas, normativas, “da afetividade e da sensibilidade, da memória, da imaginação e do projeto” (CEFAÏ, 2009, p. 24; KUSCHNIR, 2012, p. 297). Cabe lembrar do *snapshot*,

[...] [que] significa, literalmente, a imagem momentânea de uma cena ou fragmento da realidade. Neste deslizar do olhar pelo social – nos seus aspectos mais particulares, acidentais e superficiais – o fotografar [ou desenhar] é um processo de capturar o fugaz que o olhar vagabundo do fotógrafo (ou do sociólogo) [ou do artista] possibilita. [...] [buscando] preservar nas suas observações da realidade aquilo que nela é único e transitório, ao mesmo tempo que dela extrai o essencial da forma, a tipicidade (PAIS, 1993, p. 106).

A experiência com *sketches* urbanos vincula-se a uma lógica da descoberta que busca indícios nas situações urbanas cotidianas – ordinárias – experienciadas. Cabe falar em uma sociologia do talvez, na qual a realidade apenas se insinua – analítica, retórica e expressivamente –, não se entrega, necessitando ser imaginada, descoberta, construída (PAIS, 1993). Desse modo, os *sketches* insinuam, desvelam, indiciam, ao registrar as *cenar banais da vida cotidiana*, as situações e práticas ordinárias, revelando uma “ânsia de acercamento à realidade”, capaz de “fazer insinuar o social, através de alusões sugestivas ou de insinuações indiciosas” (PAIS, 1993, p. 108). E, mais do que isso, instigando a conversão do “quotidiano em permanente surpresa”, desnaturalizando e problematizando o que parece normal, óbvio, absolutamente ordenado, estável e transparente (PAIS, 1993, p. 106). Não é à toa que De Certeau (1998, p. 171) refere-se aos *praticantes ordinários da cidade*, caminhantes, pedestres, “cujo corpo obedece aos cheios e vazios de um texto urbano que escrevem sem poder lê-lo”, referindo-se a “espaços que não se veem”, “poesias ignoradas”.

### Segundo caminho: cotidiano, indícios e conflitos

Os acontecimentos experienciados no cotidiano urbano requerem uma base teórica que permita compreender o caráter dos conflitos que se acentuam, e, mais do que isso, o que está emergindo a partir deles. Desse modo, um segundo caminho envolveu a redescoberta e a incorporação de elementos de uma sociologia do cotidiano (PAIS, 1993) e de um paradigma indiciário (GINZBURG, 1989); e, ao mesmo tempo, o contato com uma literatura que dialoga com as tradições pragmáticas através das categorias distúrbio, situações problemáticas, litígios, arenas públicas e partilha do sensível (CEFAÏ, 2009; RANCIÈRE, 2009).

No decorrer dos últimos anos, as juventudes urbanas, em Redenção e em Acarape, e particularmente os estudantes da UNILAB, têm experienciado um conjunto muito amplo de situações urbanas cotidianas que, pouco a pouco, são experienciadas como situações problemáticas (CEFAÏ, 2009). Nesse sentido, o que poderia ser vivenciado ou entendido como normal ou natural, emerge como algo que inquieta, incomoda,

<sup>11</sup> Os *sketches* urbanos foram feitos pelo artista André Dias, que se incorporou à equipe a partir de junho de 2019.

gera insatisfação, instituindo-se enquanto distúrbio (CEFAÍ, 2009). Sua continuidade, seu caráter de violência e violação de direitos, suas implicações e resultados vão, aos poucos, tornando esses episódios uma situação problemática que necessita ser entendida, redefinida e com a qual se busca lidar, e, de algum modo, controlar e regular (CEFAÍ, 2009).

Dentre as situações e os episódios que evidenciam essa dimensão conflitual, é possível indicar (DIÁRIOS DE CAMPO, 2017-2019): (i) constantes críticas efetuadas por radialista à UNILAB e às pessoas da instituição, em programa de ampla audiência, sediado em Redenção, mas com alcance na região, inclusive apresentando falas racistas e xenófobas; (ii) episódios de agressão verbal, moral e física, com caráter machista, misógino, racista e xenófobo, atingindo discentes da universidade em espaços públicos das cidades; (iii) assaltos, alguns com agressões físicas, e invasões a residências de universitários, inclusive com discentes feridos, alguns gravemente; (iv) críticas à ocupações criativas efetuadas por docentes e discentes da UNILAB e convidados em alguns casos, contando com apoio de segmentos policiais “encerrando a festa”; (v) enquete efetuada por vereador de Acarape, instando a população a escolher entre a instalação de um novo *campus* da universidade ou uma indústria no município; (vi) os aluguéis caros, com preços exorbitantes, aos quais os estudantes precisam se submeter; (vii) assaltos na entrada/saída dos *campi* da UNILAB, particularmente em Palmares, onde se concentra a maioria dos cursos noturnos; (viii) tentativa de feminicídio ocorrida no interior do *campus* da universidade; (ix) denúncias de estupro envolvendo discentes da UNILAB.

A Figura 2 registra uma Assembleia Estudantil realizada em 18 de julho de 2018, agregando centenas de estudantes, no contexto de uma ocupação estudantil de parte da Universidade.



Assembleia dos alunos da UNILAB. Passo do Campus Liberdade. Redenção/CE. 18 de julho de 2018.



Figura 2: assembleia de alunos da unilab – campus liberdade. Fonte: projeto cidades e juventudes no maciço de baturité; autor: andré dias.

A migração temporária dos estudantes, em um contexto de ausência de residências universitárias e de políticas urbanas, particularmente habitacionais, induziu a instituição de um mercado imobiliário para aluguel nas duas cidades, com a recuperação de imóveis já existentes e construção de imóveis novos, destinados preferencial ou exclusivamente ao aluguel para estudantes universitários (DIÁRIOS DE CAMPO, 2017-2019), que revelam, inclusive, a instituição de uma verticalização incipiente no padrão de ocupação urbana (DIÁRIOS DE CAMPO, 2017-2019); dinamizando também mercados consumidores e economias locais (MACHADO, LIMA, FURTADO, 2017).

Os discentes efetuam consumos variados, envolvendo pequenos comércios, mercadinhos, supermercados, bares, restaurantes e lanchonetes, e também usufruem, em algum grau, dos equipamentos e serviços de saúde, educação, esporte e assistência social existentes (DIÁRIOS DE CAMPO, 2017-2019). Para exemplificar como a presença dos discentes impacta as cidades, particularmente dinamizando as economias locais, cabe indicar que Redenção passa a ter cinco supermercados após a implantação da Unilab, quando anteriormente somente possuía um desses equipamentos.

Redenção estrutura-se, como indica a Figura 3, em: (i) duas centralidades, Centro Principal e Praça do Obelisco; (ii) dois bairros agregados, Centro Comunitário e Conjunto Habitacional; (iii) duas grandes periferias: ao Sul, Boa Fé/PROURB e Alto da Boa Vista; ao Norte, Alto do Cassiano; (iv) vazios urbanos, uma área de transição e duas áreas periurbanas, cabendo destacar a Franja Periurbana e a Fazenda (vide Figura 1). Em Acarape, como indica a Figura 3, a estrutura urbana apresenta: (i) uma ampla porção de vazios urbanos, um bairro de transição e uma área de expansão; (ii) um eixo central, que se apresenta mais como um vetor de estabilização e atração comercial do que como um centro econômico, político e simbólico bem delimitado material e imaterialmente; (iii) duas periferias, São Benedito/Estrada Velha e São Francisco/Marrecos.

A grande maioria dos discentes reside em periferias intraurbanas locais, cabendo



Figura 3: mapa dos territórios intraurbanos de redenção e de acarape. Fonte: Projeto Cidades e Juventudes no Maciço de Baturité; elaborado por Regina Balbino.

considerar que centralidades e periferias, interdependentes, conjugam diferenças e desigualdades quanto à: (i) distribuição de infraestruturas, equipamentos e serviços urbanos; (ii) riscos urbanos, associados a fatores naturais, como o relevo acidentado em áreas de risco, e a violências criminais e delinquentes; (iii) imaginários e percepções simbólicas, envolvendo, por exemplo, estigmas associados a territórios específicos; (iv) mobilidade intra e interurbana.

Parcela das juventudes passa, aos poucos, a manifestar-se publicamente em relação aos episódios indicados e a outros, relatando-os como situações problemáticas, descrevendo-os e, mais do que isso, justificando suas falas, argumentando e buscando dotar de validade sua posição e demandas associadas (DIÁRIOS DE CAMPO, 2017-2019). Presencia-se a constituição, mesmo espontânea e não totalmente formal, de uma coletivização das ações, tal qual uma orquestração sem maestro, considerando-se o defrontar cotidiano com essas situações problemáticas (DIÁRIOS DE CAMPO, 2017-2019).

Essa dimensão pública emerge nas redes sociais, nos corredores, salas de aula e instâncias institucionais da universidade, nos bares, nas ruas e nas praças das cidades, e nas redes sociais virtuais (DIÁRIOS DE CAMPO, 2017-2019). O urbano se alarga e emerge uma dimensão pública e política na cidade, conformando arenas públicas (CEFAÍ, 2009), mesmo que efêmeras. Em determinado momento, e ao largo das representações mais tradicionais das juventudes estudantis, como centros acadêmicos e partidos políticos, constitui-se uma forma associativa que se denominou Juventudes Autônomas de Redenção e Acarape (JARA), manifestando-se através de uma Carta Pública<sup>12</sup> em que demanda o acesso e usufruto de direitos, a existência de espaços públicos e de políticas urbanas que garantam às juventudes as condições para lazer, esporte, cultura, arte e convivência cotidiana.

Apesar do que pode parecer à primeira vista, esse contexto não comporta somente mudanças, ao contrário, há continuidades significativas, assim como hegemonias e subalternidades.

Terceiro caminho: alargamento do urbano

Um terceiro caminho envolveu um alargamento teórico e prático do urbano, com a equipe da pesquisa inicialmente percebendo e evidenciando, como relações, redes e diálogos virtuais dos quais as juventudes participam, e nos quais os conflitos também são experienciados, compõem a cidade e a dinâmica de produção do espaço urbano. Com a equipe da pesquisa também constituindo um maior cuidado às relações entre as duas cidades, considerando e integrando múltiplas escalas do urbano – urbano-regional, aglomeração urbana e intraurbano. E vivenciando uma atenção mais específica às relações envolvendo centralidades e periferias na cidade, agentes hegemônicos e subalternizados, buscando transcender perspectivas essencialistas e duais. Além disso, dois outros elementos compõem esse alargamento teórico-empírico do urbano: a articulação entre sociologia do cotidiano, paradigma indiciário e geo-história de longa e média duração e as tensões entre cidade lenta e intensificação do urbano.

*Incorporando uma geo-história de longa e média duração*

<sup>12</sup> Disponível em: [https://www.facebook.com/search/posts/?q=juventudes%20aut%C3%B4nomas%20reden%C3%A7%C3%A3o&epa=SERP\\_TAB](https://www.facebook.com/search/posts/?q=juventudes%20aut%C3%B4nomas%20reden%C3%A7%C3%A3o&epa=SERP_TAB). Acesso em: 11 mar. 2019.

No espaço urbano, se inscrevem e se condensam escalas temporais e espaciais diversas, perceptíveis através das *tramas finas das estruturas* urbanas de longa duração e das práticas cotidianas de interação face a face (BRAUDEL, 1965; PAIS, 2005), cabendo “não pensar, unicamente [sic], no tempo curto, não crer que só os atôres [sic] que sobressaem sejam os mais autênticos; há outros, e silenciosos” (BRAUDEL, 1965, p. 276).

Essa percepção emerge quando nos perguntamos sobre os povos indígenas e africanos escravizados que habitavam a Região do Maciço de Baturité e, particularmente, as áreas que atualmente conformam os dois municípios/cidades. Onde estão? Quais suas histórias, memórias, tradições, artefatos? Onde estão as famílias, as comunidades, as pessoas? A par dos genocídios e dos etnocídios perpetrados nos séculos de dominação colonial na região, cabe questionar se continuam operantes nas cidades estruturas e relações de longa duração, bem como costumes e hábitos reiterados através dos anos, evidenciando “imperativos e constrangimentos morais profundamente arraigados” (TURNER, 2008, p. 31). Aos poucos, enfatizando o urbano como processualidade, fomos compreendendo que “o cartógrafo se encontra sempre na situação paradoxal de começar pelo meio, entre pulsações”, evidenciando que as cidades são portadoras “de uma espessura processual”, contrastando “com o meio informacional raso” (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 58-59).

O contato com a geo-história de longa duração nos permitiu avançar na percepção e experiência de cidades que, ao monumentalizar a *libertação* dos escravizados de modo pioneiro no país, tornando pública, material e imaterialmente inscrita a *redenção*, articulam e reproduzem ausências, silenciamentos, invisibilidades. O contexto é ainda mais complexo ao considerarmos que também compõe essa articulação entre cotidiano/longa e média duração uma religiosidade católica tradicional bastante presente nas cidades, continuamente reativada, inclusive através de episódios que remontam, pelo menos, ao século XIX.

*Cidade lenta e intensificação do urbano*

Cabe considerar como os quadros de observação/imersão em pequenas cidades, incluídas Redenção e Acarape, considerando sua extensão físico-geográfica, favorecem experiências de apreensão e registro das cenas cotidianas marcadas pelo deslocamento e presença corporal dos pesquisadores em diferentes pedaços urbanos. Desse modo, em certa medida, cabe falar no embrenhar-se na cidade e na feitura de uma *ciência vivida* e de uma *estética vivida*, o que é facilitado, também, pelo fato das duas cidades ainda manterem relações e situações marcadas pela proximidade, pela lentidão e pelas trocas entre *carne e pedra*, entre corpo e cidade (SENNET, 2003). Os corpos e as cidades se influenciam, *alimentam*, dinamizam e reconstituem mutuamente, com espacialidades e temporalidades urbanas permitindo interações, diálogos, trocas, circulações e permanências, envolvendo agentes bastante diferentes entre si.

A implantação da UNILAB carrega para o cotidiano urbano das duas cidades a presença cotidiana de centenas de jovens, mulheres, negros, africanos, indígenas, quilombolas, gays, lésbicas, que se posicionam de modo não tradicional no espaço urbano, circulam com outras falas, posturas, hábitos e modos de estar, de ser, de se relacionar, alimentar, conviver e vestir (DIÁRIOS DE CAMPO, 2017-2019). Para ilustrar, cabe indicar como antes da implantação da UNILAB apenas 28 pessoas se autodeclaravam indígenas no município de Redenção, e, dessas, apenas 5 residentes na cidade (IBGE, 2010). Em Acarape, não havia registro de pessoas indígenas (IBGE, 2010). Com a UNILAB, somente selecionados nos editais exclusivos para

indígenas e quilombolas, há 125 estudantes com esse perfil, vários deles aldeados ou aquilombados, originários de diferentes regiões do Ceará, com a grande maioria residindo nas duas cidades durante o período letivo (UNILAB, 2019).

Nesse contexto, e considerando que se tratam de cidades que se fazem hegemônicas através de um perfil tradicional e até conservador, a presença cotidiana no espaço urbano, por si só, em sua reiteração, e ao considerarmos a diversidade social que a UNILAB institui, parece gerar tensões significativas. Mais do que isso, também cabe considerar que as cidades ancoram, mesmo de modo minoritário, agentes que vêm assumindo perfil e postura ativista, política e publicamente ativos, com falas e comportamentos marcados por disposições neoconservadoras e neofascistas, reforçando e/ou reativando no cotidiano urbano um conjunto de preconceitos e discriminações de várias ordens, redundando em violações de direitos e em violências físicas, morais, verbais, etc., em diferentes situações.

Também cabe considerar que a proximidade entre corpo e cidade ocorre em um contexto de *agudização do caráter urbano* nas duas cidades. Essa agudização envolve uma intensificação e ampliação da variedade das experiências urbanas experienciadas, com “estímulos recebidos de um grande número de indivíduos diferentes”, evidenciando uma ampliação da convivência cotidiana, inclusive através do “contato físico estreito de numerosos indivíduos” (SIMMEL, 1967; WIRTH, 1967). Apesar disso, avalia-se que não há – ainda – uma hegemonia, nas duas cidades, de modos de vida urbanos marcados – mesmo de modo latente ou tendencial – pela abolição do contato corporal, pela desconexão com o espaço e pela perda do caráter associativo (SENNETT [2014], *apud* NASCIMENTO, 2016, p. 3). Dito de outro modo, ainda não é hegemônico, nas duas cidades, um urbano que tenderia a causar *estranhamento e afastamento*, em vez de proximidade (SENNETT, 2014 *apud* NASCIMENTO, 2016, p. 3).

Todavia, isso não significa, mesmo considerando a prevalência da cidade lenta ao invés da cidade veloz, que inexistam distinções urbanas associadas a clivagens de classe, raça, gênero, geração, sexualidade, nacionalidade e etnia. Não implica, tampouco, afirmar a ausência de desigualdades, segregações, opressões e violências. Ao contrário, há e assume-se, em vários casos, expressividade, caráter e implicações dramáticas e violentas, inclusive através de episódios de racismo, xenofobia, homofobia, misoginia e machismo. A cidade lenta não é uma cidade homogênea, unificada ou pacificada. É uma cidade que se faz hegemônica através de processos inscritos de média e longa duração que se reproduzem processualmente na vida cotidiana.

#### Quarto caminho: Entre Hegemonias e Subalternidades

Um quarto caminho envolveu a atenção voltada para as dinâmicas e as características de uma cidade que se (re)faz reiteradamente hegemônica em seus dispositivos, configurando uma partilha do sensível (RANCIÈRE, 2009) hegemônica, e, ao mesmo tempo, vivenciando o tensionamento e potencial esgarçamento dessa partilha no contexto atual.

A partir de certo momento, com as crescentes tensões envolvendo juventudes em Redenção, e considerando as percepções associadas ao caminhar na cidade – diurno e noturno –, envolvendo as interações, os afetos, as presenças e ausências, os diálogos interindividuais e um complexo de significados afirmados em espaços públicos e privados, fomos percebendo a importância de entender os complexos jogos

envolvendo o que aqui estamos nomeando como hegemônias e subalternidades (DIÁRIOS DE CAMPO, 2017-2019). Particularmente, cabe a referência às caminhadas, que envolvem o passar, o deslocar e o estar nos lugares, associadas às festividades de Santa Rita de Cássia, a cerveja nos botecos e as ocupações urbanas criativas juvenis (DIÁRIOS DE CAMPO, 2017-2019) e também à pesquisa de campo envolvendo questionários nas centralidades e periferias das cidades (DIÁRIOS DE CAMPO, 2017-2019).

Nos termos de De Certeau (1998, p. 171), a cidade que se faz hegemônica constitui-se enquanto panorama, marcada pela visão à distância, revelando um simulacro narcísico, um quadro citadino que requer a naturalização do olhar à distância e “que tem como condição de possibilidade um esquecimento e um desconhecimento das práticas”, entendida como *ficção que só conhece os cadáveres* e requerendo a exclusão do “obscuro entrelaçamento dos comportamentos do dia-a-dia [sic]”, um “fazer-se estranho” a esses comportamentos. Essa cidade hegemônica ao mesmo tempo em que dá visibilidade a certos agentes, práticas, lugares e objetos nos espaços urbanos, oculta, dissimula, invisibiliza outros.

No caso de Redenção, e Acarape segue a reboque, mesmo parcialmente, trata-se de uma cidade que se faz monumentalização, associada ao fato histórico de que teria sido a primeira do país a libertar todos os seus escravizados (MACHADO et al, 2019, no prelo). Assim, ao publicizar o passado de um determinado modo, conforma-se uma cidade que, estática e voltada ao passado, esquece o presente e o futuro, invisibilizando os agentes indígenas/africanos e seus descendentes –, suas heranças, suas memórias e histórias, suas culturas, suas demandas e necessidades. A cidade se faz hegemônica ao (i) operar a redução do espaço urbano a um espaço singular e próprio, “capaz de recalcar todas as poluições físicas, mentais ou políticas que a comprometeriam” (CERTEAU, 1998, p. 173); (ii) estabelecer um não tempo ou um tempo sincrônico que bloqueia todas as demais temporalidades, as “resistências inapreensíveis e teimosas” (CERTEAU, 1978, p. 173); (iii) criando um sujeito universal e anônimo, que anula ou dissolve todos os demais (CERTEAU, 1998, p. 173). Desse modo, tratam-se de cidades que se fazem hegemônicas ao subalternizar mulheres, indígenas, negros, africanos, LGBTQ+, mestiços, não proprietários de terra e capital, pobres, jovens, não naturais do lugar, dentre outros segmentos sociais; ao relegá-los aos não lugares das cidades – as periferias invisíveis, os espaços privados, e ao não os reconhecerem enquanto sujeitos das cidades, posto que não se enquadram no perfil – que se faz hegemônico – aparentemente identificado com o homem branco, heterossexual, proprietário de terra ou capital e católico.

Porém, para além dessa cidade que se faz hegemônica, “proliferam as astúcias e as combinações de poderes sem identidade, legível, sem tomadas apreensíveis, sem transparência racional – impossíveis de gerir” (CERTEAU, 1998, p. 174). Considerando isso, o cartografar e o caminhar na pesquisa buscam:

[...] [identificar e] analisar as práticas microbianas, singulares e plurais, que um sistema urbanístico deveria administrar ou suprimir e que sobrevivem a seu perecimento; seguir o pulular desses procedimentos que, muito longe de serem controlados ou eliminados pela administração panóptica, se reforçaram em uma proliferação ilegítima, desenvolvidos e insinuados nas redes da vigilância, combinados segundo táticas ilegíveis mas estáveis a tal ponto que constituem regulações cotidianas e criatividade sub-reptícias que se ocultam somente graças aos dispositivos e aos discursos, hoje atravancados, da organização observadora (CERTEAU, 1998, p. 175).

Cabe considerar que as hegemonias somente adquirem concretude, sentido e potência para se reproduzirem à medida que se atualizam ao performarem-se através dos/nos agentes que convivem e interagem cotidianamente nos espaços urbanos. Desse modo, também as pequenas cidades revelam equilíbrios e condensações de forças, sempre provisórias e a se refazer cotidianamente e continuamente, em um reiterado devir (PASSOS; BARROS, 2009). A par de hegemonias que se atualizam reiteradamente – e não desde sempre e para sempre –, as cidades evidenciam instabilidades, fluidez e porosidade em suas processualidades, e nas espacialidades e temporalidades que as compõem, desvelando uma *dinâmica de devir* que “potencializa resistências atuais e atualiza existências potenciais” (PASSOS; BARROS, 2009, p. 20). Nesse sentido, em estruturas e formas urbanas de média e longa duração e em dinâmicas urbanas cotidianas, as cidades – e mais particularmente situações e episódios cotidianos – podem desvelar como “as existências se atualizam, as instituições se organizam e as formas de resistência se impõem contra os regimes de assujeitamento e as paralisias sintomáticas” (PASSOS; BARROS, 2009, p. 21).

Intui-se, portanto, o contínuo refazer-se de hegemonias e subalternidades, evidenciando a força de uma dimensão e dinâmica conflitual, mesmo invisível, dissimulada, oculta e/ou interdita. Emerge, então, a seguinte questão: como intuir, indiciar, evidenciar e narrar as hegemonias em seus fazeres, formas e tensões constitutivas e, ao mesmo tempo, as subalternidades que – mesmo de modo latente ou potencial – constituem resistências, alternativas, contraposições e contraciclos, mesmo fragmentários, minoritários e efêmeros? Através de quais teorias e conceitos, a partir de quais posturas? Como apreender, experienciar mesmo, a contínua tensão entre estruturas, configurações e/ou formas urbanas consolidadas e uma dinâmica do contínuo refazer-se, comportando as contradições, as multiplicidades, as polifonias, as incertezas, as inquietações, as dúvidas, as variações, as resistências, as contraposições, os contraciclos, que perpassam os espaços urbanos. Aqui, à geo-história de longa duração, à sociologia do cotidiano e ao paradigma indiciário, se ajunta, mais propriamente, o que podemos agregar sob o nome de cartografia social. As referências da cartografia social nos permitem perceber que as hegemonias contêm em si, ao mesmo tempo, a afirmação de si próprias e seu extrapolar, suas implosões, suas tensões, mesmo minoritárias, subalternizadas, efêmeras, fragmentadas, não visíveis, pouco articuladas e institucionalizadas.

Afinal, embora a cidade seja tradição, cabendo intuir o que nela permanece constante, ela é, também, passagem, movimento, caminho que se recria através de rotas não preestabelecidas as quais podem, inclusive, nas encruzilhadas entre continuidade e ruptura, reativar memórias de longa duração, silenciadas, esquecidas, invisibilizadas (PAIS, 2005). Portanto, no caminhar e no cartografar, certos agentes, ao refazerem o urbano através de suas práticas cotidianas, podem deslocar o que é visível e invisível, reativando sentidos historicamente desqualificados e tornados invisíveis, descartáveis ou ininteligíveis (SANTOS, 2002).

A atenção às tensões, portanto, constitui-se enquanto mecanismo metodologicamente relevante à compreensão do campo, inclusive porque é possível, em diferentes momentos e processualidades, sentir, no espaço e nos agentes urbanos, “intensidades buscando expressão” (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 66) (DIÁRIOS DE CAMPO, 2017-2019). Há um deslocamento analítico, então, das estruturas para as processualidades, as quais permitiriam evidenciar configurações “de elementos, forças ou linhas que atuam simultaneamente”, considerando que as “configurações subjetivas [e objetivas] não apenas resultam de um processo histórico que lhes molda estratos, mas portam em si mesmas processualidade, guardando a potência do movimento” (KASTRUP; BARROS, 2009, p. 77).

Nesse sentido, retendo a dinâmica da processualidade, inscrita nas cidades, também cabe considerar o *plano das formas* em tensão com o *plano das forças*:

O plano das formas corresponde ao plano de organização da realidade (Deleuze e Parnet, 1998) ou plano do instituído (Lourau, 1995) e concerne às figuras já estabilizadas – individuais ou coletivas. Também se incluem aí os objetos que acreditamos constituir a realidade: coisas e estados de coisa, com contornos definidos que lhes emprestam caráter constante e cujos limites parecem claramente distingui-los uns dos outros. [...] os objetos do mundo, diferente de possuírem natureza fixa, de ostentarem invariância, abrem-se à variação, ou melhor, estão em constante processo de transformação. Eles são resultantes de composições do plano das formas com o plano movente das forças ou coletivo de forças. [...] As formas resultam dos jogos de forças e correspondem a coagulações, a conglomerados de vetores. [...] O desafio da cartografia é justamente a investigação de formas, porém, indissociadas de sua dimensão processual, ou seja, do plano coletivo das forças moventes (ESCÓSSIA; TEDESCO, p. 94-99).

Nesse contexto e um pouco à frente na caminhada, vivencia-se a percepção de que está em curso nas cidades – potencialmente – uma renovação das hegemonias e subalternidades postas, com variadas ações adquirindo o caráter de remeter e relegar as juventudes às periferias urbanas nas cidades, considerando dimensões materiais e simbólicas. Está em jogo uma disputa pelas centralidades, pelo direito de estar ou não nesses espaços, pelo direito a fazer a cidade de modo que as juventudes possam ou não ocupar, acessar e usar esses espaços centrais, simbolicamente muito significativos para as elites locais e os segmentos médios agregados. Nesse contexto, também se entende que cabe considerar a ampla diversidade de necessidades e interesses vinculadas aos moradores mais antigos das cidades a partir de suas percepções, demandas, questionamentos e críticas.

### Considerações Finais

A processualidade se faz presente nos avanços e nas paradas, em campo, em letras e linhas, na escrita, em nós. A cartografia parte do reconhecimento de que, o tempo todo, estamos em processos, em obra. O acompanhamento de tais processos depende de uma atitude, de um *ethos*, e não está garantida de antemão. Ela requer aprendizado e atenção permanente, pois sempre podemos ser assaltados pela política cognitiva do pesquisador cognitivista: aquele que se isola do objeto de estudo na busca de soluções, regras, invariantes. O acompanhamento dos processos exige também a produção coletiva do conhecimento. Há um coletivo se fazendo *com a pesquisa, há uma pesquisa se fazendo com* o coletivo (KASTRUP; BARROS, 2009, p. 73-74, grifos dos autores).

Enquanto pesquisadores estamos em obras, em processos, inacabados, em uma reiterada dinâmica de experienciar, fazer, incorporar, analisar, redefinir, recomeçar. Apesar do que poderia parecer, não se trata de uma situação ruim, desde que consigamos gerar acúmulos significativos, vivendo os caminhos enquanto potência, criação e aprendizagem.

Cartografar é acompanhar processo e, em nosso caso, é preciso considerar que Redenção e Acarape são cidades em diáspora. A diáspora é sempre lugar de sofrimento e, porventura, tragédia, mas é também lugar de invenção, de trânsito, de movimento, de passagem, de múltiplos cruzamentos e encruzilhadas (SIMAS, 2019). Cabe reconhecer a cartografia enquanto abordagem ou método investigativo que compreende a pesquisa/análise, ao mesmo tempo, enquanto intervenção, em que o “observador está sempre implicado” e onde a “intervenção não se dá em um



único sentido” (PASSOS; BARROS, 2009, p. 21). Desse modo, percebemos que se trata, a um só tempo, “de descrever, intervir e criar efeitos-subjetividade”, inclusive adquirindo o caráter de conectar “devires minoritários” (PASSOS; BARROS, 2009, p. 27-28). No entanto, essa dimensão não foi aqui tematizada. É talvez uma das mais complexas, sobre as quais ainda estamos intuindo, refletindo e buscando constituir algumas iniciativas, porventura significativas.

Porém, foi possível perceber e sintetizar brevemente alguns elementos relevantes aos caminhos percorridos. Dentre eles: (i) a crescente densidade e complexidade da pesquisa e, simultaneamente, do campo; embora essa densidade e complexidade nos tensionem e desafie, revela-se como espaço de descoberta e aprendizagem teórica e prática; (ii) o deslocamento da escala simples para a multi ou a transescalaridade; (iii) o caminhar da sociologia do cotidiano e do paradigma indiciário para as tensões criativas envolvendo sociologia do cotidiano, paradigma indiciário, pragmatismo, geo-história de média e de longa duração e cartografia social; (iv) o fazer dialogar a cidade com os territórios intraurbanos, os micro e nanourbanos e o urbano regional; (v) o fazer dialogar espacialidades e temporalidades significativas que, porventura, coexistam nas cidades, evidenciando uma proliferação de multiplicidades, de agenciamentos; (vi) o reconhecer que há hegemonias e subalternidades, há formas/estruturas sociais e urbanas que se consolidam, que se hegemonizam, que imperam, porém sempre sob tensão, e, portanto, em si potências e multiplicidades variadas; (vii) o perceber que as hegemonias necessitam atualizar-se a cada momento, em cada contexto, enquadramento e situação; (viii) o perceber que as subalternidades se exercem ativando modos marcados – mesmo de modo latente ou potencial – por inquietações, incômodos, tensionamentos, transcendências, rupturas, desvios, recriações, mudanças; (ix) a emergência de novas – novas no sentido de antes não estarem inscritas ativamente nos espaços urbanos locais – juventudes urbanas; (x) o cartografar as processualidades das inscrições juvenis – materiais e virtuais – nas cidades, sua emergência pública e política, e, ao mesmo tempo, portanto, a emergência do público e do político nas cidades; (xi) o perceber a potência das ocupações urbanas criativas; (xii) o experienciar uma questão urbana que se politiza e se publiciza, inscrevendo em si as lutas por necessidades sociais (no sentido lefebvriano), emergindo como direito à cidade; (xiii) um lidar com situações problemáticas que desnaturaliza as formas sociais consolidadas – partilha do sensível; (xiv) a emergência de uma dimensão conflitual alargada, intensa, corriqueira e reiterada, desvelando, também, a espessura das cidades, inclusive no que envolve nossa *chegada aos meios*.

### Agradecimentos

Agradecemos à Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP); ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB); à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação (PROPPG-UNILAB); à Pró-Reitoria de Extensão, Arte e Cultura (PROEX); ao Laboratório de Planejamento Urbano e Regional (LAPUR) do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC) e ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

### Referências bibliográficas

AGIER, Michel. *Do direito à cidade ao fazer cidade: o antropólogo, a margem e o centro*. Maná, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 483-498, 2015.

ALVAREZ, Johnny.; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia.; ESCÓSSIA, Lilianna. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 131-149.

BARROS, Laura Pozzana.; KASTRUP, Virginia Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 52-75.

BASTOS, Ana Paula Pinto. *A diáspora africana numa trajetória geográfica, territorial e libertadora: da África ao Brasil (a liberdade em Redenção)*. Cadernos de Geografia, Coimbra, n. 34, p. 6572, 2015.

BRAUDEL, Fernand. *História e Ciências Sociais: a longa duração*. Revista da História, v. 30, a. 16, p. 261-294, 1965.

BRASIL. Ministério da Educação. Unilab. Estatuto Geral da UNILAB. In: Unilab. 2019<sup>a</sup>. Disponível em: <http://www.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2018/01/Estatuto-da-Universidade-da-Integra%C3%A7%C3%A3o-Internacional-da-Lusofonia-Afro-Brasileira-aprovado-pela-resolu%C3%A7%C3%A3o-42-2016-e-alterado-pelas-resolu%C3%A7%C3%B5es-332017-e34-2017.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Unilab em números. In: Unilab. 2019<sup>b</sup> Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrjoiNTkzZjY2MWQ0tNjMzNS00MjkzLWI4YTAtOGJyY2NmNjdmNzI1liwidCI6IjkwMjlkZGNILWFmMTItNDJiZS04MDM3LTU0MzEzZTRkYzVhMzI5>. Acesso em: 21 nov. 2019.

CEFAÏ, Daniel. *Como nos mobilizamos? A contribuição de uma abordagem pragmatista para a sociologia da ação coletiva*. Dilemas, v. 2, n. 4, p. 11-48, 2009.

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

DETONI, Luana. Pavan; ROCHA, Eduardo. Cartografia das Cidades Pequenas: o caso de Aceguá/BR e Acegua/UY. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, 17., 2017. Anais [...]. São Paulo: ENANPUR, 2017.

ENDLICH, Angela Maria. *O estudo das pequenas sociedades e os desafios conceituais: áreas de comparabilidade e complexidade mínima*. Huellas, n. 15, p. 149-165, 2011.

FONSECA, Cláudia. *Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação*. Revista Brasileira de Educação da ANPED, n. 10, p. 58-78, jan./abr. 1999. Acessado em: 19 ago. 2018. Disponível em: [http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-20082/EducacaoMII/4SF/Miriam/RBDE10\\_06\\_CLAUDIA\\_FONSECA.pdf](http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-20082/EducacaoMII/4SF/Miriam/RBDE10_06_CLAUDIA_FONSECA.pdf).

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e história*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo Demográfico*. Brasília: IBGE, 2010 Acessado em: 15 mar. 2019. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/>.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (IPECE). As

regiões de planejamento do estado do Ceará. Textos para Discussão, n. 111, nov. 2015.

KASTRUP, Virgínia.; BARROS, Regina Benevides. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia.; ESCÓSSIA, Liliana. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 76-91.

KUSCHNIR, Karina. *Desenhando cidades*. *Sociologia e Antropologia*, v. 2, n. 4, p. 295-314, 2012.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Moraes, 1991.

MACHADO, Eduardo Gomes; LIMA, Erlaino. F.; FURTADO, Osvaldo. *Urbanização e os desafios à política urbana em pequenas cidades: o caso de Redenção, Ceará, no contexto de implantação da UNILAB*. *Revista Políticas Públicas & Cidades*, v. 5, p. 43-63, 2017.

MACHADO, Eduardo Gomes et al (no prelo). *Cidades, Juventudes E Conflitos Urbanos: Questões Teórico-Empíricas A Partir De Redenção E Acarape*. Estudos de Sociologia (Recife), 2019.

NASCIMENTO, Silvana. *A cidade no corpo*. *Ponto Urbe*, v. 16, p. 1-12, 2016.

NASCIMENTO, Flavio Rodrigues; SOUZA, Marcos José Nogueira; CRUZ, Maria Lúcia Brito. *Diagnóstico Socioeconômico da Área de Proteção Ambiental da Serra de Baturité – Ceará*. RA'EGA, Curitiba, n. 20, p. 19-33, 2010.

PAIS, José Machado. *Nas rotas do cotidiano*. *Revista Crítica da Ciências Sociais*, n. 37, p. 105-115, 1993.

PAIS, José Machado. *Sociologia da vida quotidiana: teorias, métodos e estudos de caso*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2005.

PASSOS, Eduardo.; BARROS, Regina Benevides. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia.; ESCÓSSIA, Liliana. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 17-31.

PASSOS, Eduardo.; KASTRUP, Virgínia.; ESCÓSSIA, Liliana. Apresentação. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia.; ESCÓSSIA, Liliana. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 7-16.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*. 2. ed. Rio de Janeiro: 34, 2009.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Para uma sociedade das ausências e uma sociologia das emergências*. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, v. 63, p. 237-280, 2002.

SANTOS, Francisco Leandro de Almeida; MEDEIROS, Ésulo Maia; SOUZA, Marcos José Nogueira. *Contexto Hidroclimático do Enclave Úmido do Maciço de Baturité – Ceará: Potencialidades e Limitações ao Uso da Terra*. *Revista Geonorte*, v. 2, n. 5, p. 1056-1065, 2012.

SENNETT, Richard. 2014. *Carne e pedra – o corpo e a cidade na civilização ocidental*.

2º ed., BestBolso: Rio de Janeiro.

SENNETT, Richard. *Carne e pedra: o corpo cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2003.

SIMAS, Luis Antonio. *Epistemologia da Macumba de José Luiz Simas*. Canal Escritos IBICT, 30 set. 2019. 1 Vídeo [59m06s]. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=52&v=ciQLWs7xVCw](https://www.youtube.com/watch?time_continue=52&v=ciQLWs7xVCw). Acesso em: 21 nov. 2019.

SIMMEL, George. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (org). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, 1967. p. 10-24.

TURNER, Victor. *Dramas, Campos e Metáforas: ação simbólica na sociedade humana*. Niterói: Editora da UFF, 2008.

VALGAS, Paulo Henrique Tôrres. *Urban Sketchers e a Descoberta da Cidade*. *Revista Ciclos*, v. 3, p. 174-183, 2016.

WIRTH, Louis. *O urbanismo como modo de vida*. In: VELHO, Otávio Guilherme. (org). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, 1967. p. 89-112.